

SUICÍDIO, RESENTIMENTO E VINGANÇA: UM ESTUDO DE CASO

SUICIDE, RESENTMENT AND REVENGE: A CASE STUDY



<https://doi.org/10.22228/rtf.v17i1.1321>

Antonio de Pádua Bosi



Universidade Estadual do Oeste do Paraná



E-mail: antonio_bosi@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é abordar o suicídio como uma forma de vingança e de reação ao ressentimento. Empiricamente, tento avaliar quais foram os fatores que influenciaram a decisão de um homem de 32 anos se suicidar em 1961. As informações sobre este caso estão contidas em inquérito policial constituído do exame cadavérico, três declarações de testemunhas que encontraram o corpo, duas cartas de Adeus e o espólio deixado. Teoricamente, utilizei um quadro composto de obras clássicas que consideram elementos de natureza psicossociais como determinantes no suicídio. Metodologicamente, a análise da fonte seguiu procedimentos de contextualização e crítica historiográfica.

Palavras-chaves: Ressentimento; Suicídio; Cartas de Adeus.

Abstract: This article pretends to approach suicide as an occurrence of resentment a kind of revenge. Empirically, I have trying to evaluate the factors that influenced decision to commit suicide by a 32-year-old man in the 1961. The information about this case is contained in a report of Cadaverous Exams into police inquiry, three statements from witnesses who found the body, two letters from suicidal letters and your heritage. Theoretically, I used a framework of classic books that considers psychosocial elements as determinants of suicide. Methodologically, the analysis of the source of contextualization procedures and historiographical criticism.

Keywords: Resentment; Suicide; Suicidal letters.

1. Introdução

Antecipo o fato e a hipótese que estruturam este artigo. Sylvio Cardoso Correia se matou enforcado em 22 de maio de 1961 no porão da loja onde era funcionário porque perdeu o cargo de gerente supostamente vítima de preconceito. Neste artigo discuto este caso de suicídio a partir de duas perspectivas. Procuro contextualizá-lo historicamente remontando seu ambiente social e os prováveis estressores que penderam sobre Sylvio. Ao mesmo tempo, busco explicá-lo a partir de duas variáveis psicológicas, a expressão da raiva e o desejo de vingança.

Sessenta anos nos separam desse fato. A documentação disponível para explorá-lo se resume ao inquérito policial elaborado à época que concluiu pelo suicídio sem sugerir motivações. Esta é uma limitação objetiva com a qual precisei lidar, buscando respostas

nos contornos da narrativa feita pelo delegado, redigida pelo escrivão a partir do protocolo policial e relativamente às testemunhas arroladas e às cartas e pertences deixados por Sylvio. Por isso, como aconselha Natalie Zemon Davis, tentei ser o mais claro em dizer o que significam as provas mesmo às custas do “pode-se especular que ou cabe imaginar que”¹, movendo-me na esfera do possível.

Antes, porém, de avançar no manuseio da fonte, gostaria de mostrar o quadro teórico utilizado na análise desse caso que ajudou a evidenciar as hipóteses.

Interpretei o suicídio de Sylvio como expressão de sua condição interna, psicológica, extraída e avaliada do inquérito policial e, paralelamente, como expressão da realidade externa vivida por ele. Na primeira situação, a considerar contextos bastante recuados no tempo, não havia consenso igual ao de hoje sobre as causas que levam ao suicídio. Sócrates matou-se com cicuta certo de que enfrentava os ignorantes com a serenidade e o senso de humor de quem se mata.² Por outro lado, a tristeza profunda, nomeada melancolia, não foi desde sempre tomada como motivo nem condição de suicídio. Aristóteles e, depois dele, Galeno, definiram a melancolia como parte integrante do temperamento humano sem, contudo, relacioná-la ao desejo de se matar. O comportamento seria um sintoma, não uma doença.³

Enquanto na Idade Média a morte voluntária foi tratada como assunto religioso, uma decisão induzida por Satã, no Iluminismo ela passou a ser objeto da desrazão, cada vez menos ligada ao diabo e mais assemelhada a loucura.⁴ Avaliando a França dos séculos XVII e XVIII, Michel Foucault identificou a transformação do suicida em “insensato” aos olhos do Estado. O que antes era tido como sacrilégio foi também anexado ao domínio científico da insanidade, confinado àquela altura “aos limites da psicologia.”⁵ Desde então, o suicídio se ligou a questão da saúde mental e foi alçado aos campos da psiquiatria e da psicologia como objeto específico de estudo deixando de ser explicado, via de regra, pela “insensatez”. Esta tendência ganhou volume e velocidade e encontrou em “Suicide & attempted suicide”, publicado em 1958, progressos empíricos ressaltados pela literatura que lhe foi posterior.⁶

¹ DAVIS, Natalie Z. *Esclavos em la Pantalla*. Havana: Ediciones ICAIC, 2022. [Kindle]

² STONE, I.F. *O julgamento de Sócrates*. São Paulo: Cia das Letras, 2017.

³ GALENO, Cláudio. *Os Temperamentos*. Campinas: Editora Auster, 2020; ARISTÓTELES. Problems connected with thought, intelligence and wisdom. In RADDEN, Jennifer. *The Nature of Melancholy*. Oxford University Press, 2000. [Kindle]

⁴ MINOIS, Georges. *História do Suicídio*. A sociedade ocidental diante da morte voluntária. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p.173.

⁵ FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2012, p.95.

⁶ STENGEL, Erwin. *Suicide & attempted suicide*. Harmondsworth: Penguin Books, 1964.

De outro lado, ainda mantém prestígio a teoria de Émile Dürkheim a respeito da possibilidade de se estudar os fatos sociais como realidades externas ao indivíduo de tal modo que o suicídio, embora um ato aparentemente individual, seria explicado pela inclinação geral da sociedade, à qual pertence o indivíduo, à morte voluntária.⁷ Somou-se a isso, a ideia de que uma pessoa não se suicida em determinada situação específica, assaltada por algum motivo único ou transtorno fatal, sem que formassem sintomas a partir de ansiedades vividas e histórias reais.

Meio século antes de Dürkheim ter publicado “O Suicídio” (1897), Marx redigiu um manuscrito acerca de casos de suicídio de mulheres em relacionamentos abusivos compilados por Jacques Peuchet e editados em capítulo de suas memórias sobre os Arquivos da Polícia de Paris, onde trabalhou a vida toda.⁸ Marx destacou a opressão e a desigualdade social como produtos das relações de dominação capitalistas e como causas sociais e econômicas que operavam em favor do lugar subalterno das mulheres e facilitavam e legitimavam tratamentos abusivos contra elas de modo a fomentar a desesperança, a solidão, o sentimento de inferioridade, pavimentando o percurso para a morte voluntária. Em sua melhor reflexão, Marx diz não entender “com que direito se poderia exigir do indivíduo que ele preserve em si mesmo uma existência que é espezinhada por nossos hábitos mais corriqueiros, nossos preconceitos, nossas leis e nossos costumes em geral”.⁹

De modo geral, essa literatura brevemente destacada aponta a necessidade de avaliar as origens de pensamentos suicidas, de como eles derivam e madurecem de fatores psicossociais, biológicos, culturais e ambientais. Atualmente, estudos de psiquiatria têm indicado que o comportamento suicida está associado a alterações neurobiológicas generalizadas em todo cérebro que afetam uma série de conexões neurais funcionais diferentes. Por outro lado, não é possível determinar até que ponto tais alterações podem ser consideradas específicas do suicídio e do comportamento suicida ou compartilhados com quadros de depressão e de outras psicopatologias.¹⁰

Assim, talvez, a principal dimensão da morte voluntária esteja sumariada no drama de Hamlet em sua famosa hesitação ante vingar seu pai, mesmo que seja com sua própria

⁷ DÜRKHEIM, Émile. *O Suicídio*. Estudo de Sociologia. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

⁸ Intitulado “Sobre o Suicídio”, Marx o publicou em 1846 na revista “Gesellschaftsspiegel”, sem repercussões que o tornassem referência para estudos acerca do tema. Apenas em anos recentes, este texto recebeu traduções da língua alemã para outras devido ao relevo que deu à questão de gênero, uma vez que os suicídios comentados por ele foram protagonizados por mulheres vivendo relacionamentos abusivos. Ele selecionou casos de suicídios do volumoso livro de Peuchet e propôs uma crítica sobre o que se entendia à época como “vida privada”.

⁹ MARX, Karl. *Sobre o Suicídio*. São Paulo: Boitempo, 2006, p.27.

¹⁰ TURECKI, G. et al. Suicide and suicide risk. *Nature Reviews Disease Primers*, 5, 74. 2019. Disponível em doi: 10.1038/s41572-019-0121-0. Acesso em: 2 fev. 2023.

morte, pedindo às testemunhas que contem aos outros toda a história, que “falem de todas as ocorrências, maiores e menores, que [lhe] impulsionaram a ... O resto é silêncio.”¹¹ Apoiados nesse quadro teórico tentaremos desenvolver a equação que dá título a este artigo, examinando como o “ressentimento” e a “vingança” juntos viabilizaram o contexto (ou parte dele) em que Sylvio se matou.

2. Ressentimento e vingança

Quando Sylvio organizou a abertura da loja, em 1961, Guaíra mantinha uma economia dinâmica. Produtora de hortelã, cidade turística, sede das forças armadas justificadas pela fronteira com o Paraguai e com Mato Grosso, não à toa foi escolhida para receber uma filial da rede Lundgren, as “Casas Pernambucanas”. Sua principal atividade econômica vinha de longa data. Tratava-se ainda da extração da erva mate. Nos anos 60, diariamente eram transportadas 86 toneladas de erva em locomotivas para Porto Mendes/PR e, de lá, geralmente se exportava para Argentina e Uruguai. A empresa que monopolizada esse negócio empregava, somente no setor de transporte da erva, cerca de 2.200 trabalhadores entre solteiros e casados.¹² Também por isso, o comércio varejista era estável, bem abastecido e nutrido por consumidores frequentes. A loja foi aberta em 1960 e ficara sob os cuidados de Sylvio, deslocado da unidade de Cornélio Procópio/PR para gerenciá-la.

Ocorre que no inquérito policial, Sylvio foi denominado “praticante de gerente”, uma designação sempre posta entre aspas pelo escrivão e falada pela primeira vez na documentação por Lourival Cruz, funcionário da Lundgren da filial de Cornélio Procópio com a incumbência de substituir Sylvio. O termo repetiu-se outras vezes no inquérito como tendo a intenção de desvalorizar sua função ou diminuir a capacidade de exercê-la. O fato é que dias antes do suicídio ele havia recebido correspondência da sede localizada em Maringá/PR comunicando-lhe a transferência da chefia da loja para outro funcionário que chegaria em 21 de maio de 1961. Sabemos disso por meio do testemunho do empacotador Napoleão dos Santos, dezesseis anos de idade, natural de Iraí, Rio Grande do Sul, que ouviu de Sylvio “que estava muito aborrecido, muito magoado, porque havia recebido uma carta da matriz avisando-o de que tinha que entregar a gerência à um substituto que vinha em seu lugar”.

¹¹ SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 2017, p.139.

¹² TOMAZINHO, Paulo R. *O processo de ocupação do sul de Mato Grosso e Noroeste do Paraná: a economia ervateira e a Companhia Mate Laranjeira*. Especialização em Metodologia do Ensino Superior da Universidade Estadual de Londrina e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Umuarama. Londrina. 1981.

“Aborrecido” e “magoado” é a informação que temos sobre a condição de Sylvio aproximadamente uma semana antes de perder o cargo de gerente. Pode-se inferir que tal sentimento justificava-se no esforço de ter alugado um ponto comercial, providenciado pequenos reparos para acomodar a loja, mobiliado com estantes, balcões, caixa etc., preparado o porão para receber o estoque de mercadorias, incumbir-se da propaganda sobre o novo negócio, conectar-se com repartições públicas e fornecedores da cidade e, depois de tudo isso, ser preterido. Existe ainda uma variedade de detalhes difíceis de estimar aqui que ocupou o tempo de Sylvio e se juntou às medidas tomadas para fundar a filial.

De todo modo, uma interpretação mais alinhada ao que se tem denominado recentemente no campo historiográfico de “história das emoções”¹³ nos permite propor uma leitura do comportamento de Sylvio a partir da força afetiva empregada por ele no entendimento daquela pequena conjuntura histórica que o afetava. É possível notar uma carga emocional investida na abertura da loja que ele interpreta ter sido desconsiderada quando a matriz informou que seus serviços de “gerente”, de “praticante de gerente”, seriam dispensados. Sylvio sentiu-se profundamente prejudicado com isso, e o jovem empacotador percebeu sua contrariedade e mudança de humor.

Também nos ajuda nesse ponto uma definição de ressentimento. Maria Rita Kehl diz que tal emoção não significa incapacidade de esquecer ou perdoar, mas é a expressão de alguém que *não quer* esquecer *nem* perdoar porque *não quer* superar o mal que o vitimou à medida que sentir-se vítima tende a se tornar um componente da personalidade do indivíduo que sofre.¹⁴ Por isso, o ressentido é um indivíduo que depende da relação de dominação na qual é parte estruturante porque seu discurso necessita de alguma aprovação da realidade. Se ele conta com motivos reais ou não para sentir-se ressentido é outra coisa.

Nas duas cartas deixadas por Sylvio a responsabilidade pelo suicídio foi atribuída à loja. É com rancor que ele se despede dela: “À firma Arthur Lundgren deixo os meus agradecimentos pelo belo apoio que dela recebi e a mesma empresa me desabonou rigorosamente sem razão.” Provavelmente ele se sente desonrado com a perda do cargo e, por isso, acusa a empresa de ser responsável pelo seu estado e pela decisão tomada de se matar. “Aqui reconheço meu erro e fraqueza humana, porém, se assim o faço o objetivo é conscientemente pelo desabono por parte da firma onde hoje em 21-5-61 fiz meu sétimo aniversário que fui registrado que infelizmente comemorei com cálix de fel.” Pode-se presumir que Sylvio estivesse frustrado e com raiva. Nesse

¹³ ROSENWEIN, Barbara H. *Generations of Feeling. A History of Emotions, 600-1700*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. Nesta perspectiva, as emoções afetam aspectos e dimensões inteiras da socialização de modo que se coloca a tarefa e a possibilidade de examinar através de suas lentes os objetivos e valores portados por determinado sujeito. É o que tentamos fazer aqui também.

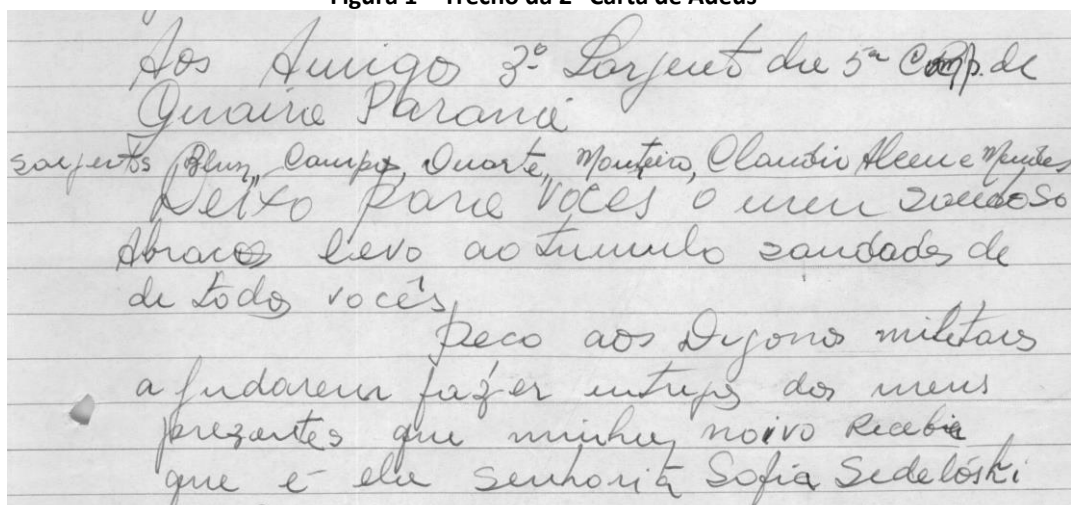
¹⁴ KEHL, Maria R. *Ressentimento*. São Paulo: Boitempo, 2020, p.10.

contexto emocional a ideia e intenção de vingança viria a lhe completar o pensamento e as sensações.

Sylvio se queixou fortemente ao empacotador dizendo-se “aborrecido” e “magoado” com a loja e o tratamento dispensado a ele, mas, ao que parece, e considerando os demais depoimentos, não explicitou tal queixa aos dois funcionários que vieram lhe substituir. Diferentemente disso, Pedro Camacho Netto, balconista, que acompanhava o novo gerente, disse ao delegado que, no domingo, dia que antecedeu o suicídio, foram os três, ele, Lourival e Sylvio, jantar juntos no hotel onde estavam hospedados e, depois, seguiram para o cinema no Cassino da 5ª Companhia de Fronteira, regressando algum tempo depois. Pedro disse ainda que o viu entrar no quarto para dormir. O que se cogita relativamente a esse quadro é que Sylvio esperava um pedido de desculpas da loja (ou algo parecido) que então retrocederia em sua posição e reconheceria méritos do “pretendente de gerente”, devolvendo a ele o cargo de gerência. Frustrada essa expectativa, restou-lhe a vingança como alternativa. É uma hipótese bastante plausível aqui.

Apesar de declarar ter comemorado seu aniversário de sete anos junto à loja ao sabor de um cálix de fel, ele não parece ter tido uma vida melancólica e desperdiçada. No tempo que passou em Guaíra acreditou ter feito amizades com militares da 5ª Companhia de Fronteira¹⁵. Registrou esse laço afetivo com destaque em uma das duas cartas de Adeus: “Aos amigos 3º Sargento da 5ª Comp. de Guaíra Paraná. Aos sargentos [ele nomeia os amigos] Blum, Campos, Duarte, Monteiro, Cláudio Alceu e Mendes. Deixo para vocês o meu saudosos Abraço levo ao túmulo saudades de todos vocês. Peço aos dignos militares ajudarem a fazer entrega dos meus presentes que minha noiva recebe que é ela senhorita Sofia Sedelóski.”

Figura 1 – Trecho da 2ª Carta de Adeus



¹⁵ As forças armadas brasileiras se estabeleceram em Guaíra no ano de 1947, sob o nome de 1º Batalhão de Fronteira. Em 1949, mudou para 5ª Companhia de Fronteira sendo assim chamada até 1989.

Difícil saber se a amizade era correspondida, mas é fato que Sylvio reservou mais espaço para se despedir dos militares do que para noiva, ao pedir a eles que ajudassem a entregar os presentes destinados a ela. Aliás, ao escrever o nome inteiro da noiva na carta deu a entender que não tinha confidenciado aos amigos nenhuma história dela ou com ela, nem ao menos seu nome. Na carta, a palavra de afeto coube apenas a eles. Saudade(s) foi repetida duas vezes. No plano psicológico podemos perguntar o que ele estaria deixando, ou qual seria o objeto daquela perda? O cargo de gerente? O desabono cometido pela loja? A noiva? Os militares considerados amigos?

Na véspera do suicídio ele levou o gerente da loja, Lourival, e o balconista Pedro Camacho, para jantar, onde, provavelmente, pode ter encontrado algum dos militares que tomava como amigo. Mas é mais razoável que tenha mantido silêncio relativamente ao sentimento de injustiça, qualificado de mágoa pelo empacotador Napoleão dos Santos. Naquela noite, Lourival retratou um clima amistoso. Ele disse ao delegado que Sylvio “já estava mesmo ciente de sua substituição” e que recebera dele todas as chaves da loja e do estoque de mercadorias. Ressaltou que ambos não realizaram cálculos dos produtos e da movimentação financeira porque Sylvio ainda continuaria em Guaíra por algum tempo auxiliando na transição da gerência “até que a Matriz resolvesse sobre o seu destino.”

Esta derradeira visita ao cassino da 5ª Companhia de Fronteira parece ter reforçado a posição que Sylvio assumira desde o comunicado feito pela loja acerca de sua dispensa da gerência. Talvez ele esperasse haver algum tipo de reparo aquela injustiça cometida pela rede Lundgren, e é possível também que agisse sobre ele uma forte expectativa de que os amigos militares sofressem e manifestassem sua falta, que lhe demonstrassem o mesmo afeto registrado em carta, que lhe dissessem ter “saudades”. A partir do momento em que a loja o notificou acerca da perda do cargo de chefe, sua cabeça encheu-se de sentimentos e ideias negativas a respeito do seu valor profissional e do que representava para os amigos militares. Por essa hipótese, isso seria suficiente para deixar sua capacidade cognitivo-afetiva avariada. Mesmo que a loja, por algum motivo operativo que a tenha feito julgar Sylvio disfuncional, o quisesse fora, e que os militares não lhe guardassem efetiva amizade, era grande a tendência a se tornar prisioneiro do que pensavam esses agentes a seu respeito. Esse é um terreno fértil para o crescimento do desprezo. Se esse sentimento estivesse bastante enraizado ao ponto de percebê-lo real, dificilmente Sylvio teria recursos para realizar um “teste de realidade” e se soltar de seu imaginário evitando que o que restasse dele em brasas se inflamasse novamente.

Um termo que define essa situação é comportamento *desadaptativo*, desenvolvido por uma crença, por pensamentos e por emoções discrepantes da realidade. Se fôssemos

ajudados por Aaron Beck, talvez ele dissesse que esse quadro torna viável um estado de desesperança que se soma ao ressentimento e à necessidade de vingança. A expectativa de que o outro se desculparia e recolocaria o valor de Sylvio no lugar imaginado por ele se desfez em seu contrário, estabilizando outro tipo de expectativa relacionada a auto-imagem instantânea de uma pessoa que se sente cada vez mais desvalorizada, desprestigiada, descartada.¹⁶ Reforçada essa hipótese pode-se dizer que Sylvio estava à deriva.

Por outro lado, se fôssemos ajudados por Freud, talvez nos fosse sugerido um quadro psicótico maníaco depressivo cuja manifestação foi facilitada pela condição social de Sylvio, à época representante da principal loja na cidade, presença assídua no Cassino da 5ª Companhia, hóspede permanente (em lugar provisório) no Hotel Sete Quedas. Mas isso é menos do que uma hipótese. Infelizmente, não consegui material sobre a vida de Sylvio anterior ao período que está registrado no inquérito, o que não inviabiliza conhecer mais amplamente o contexto do suicídio, embora precise, nessas circunstâncias, operar por conjecturas aproximadas. Avalio que esperar alguma indulgência da loja e demonstração de afeto dos militares equipara-se a um quase delírio fragmentado, assentado na ideia que ele acalentava de que fora injustiçado. O cometimento do suicídio é antecedido da expectativa (de sentido reverso) de Sylvio de que seus supostos amigos militares lhe fizessem justiça se vingando da loja. Mas não havia evidência de que isso fosse possível, senão na cabeça e nos sentimentos de alguém profundamente “magoado”.

Figura 2 – Trecho da 2ª Carta de Adeus

A imagem mostra um trecho de uma carta manuscrita em português. O texto está escrito em uma caligrafia cursiva e é o seguinte: "A estes militares não quero que façam nenhuma pressão a penas que eles sabem que tinham um amigo que admire. Ourelino".

Recompor, reaver ou elaborar uma percepção em sintonia com a realidade exigiria de Sylvio *provar* para ele mesmo que sua cognição estava contaminada, distorcida, necessitando ajustá-la. O que permanecerá, todavia, desconhecido, é a causa (o trauma, o desejo, o objeto etc. recalcados) que o levou a preencher a realidade com o sentimento de traição (cometida pela loja onde trabalhou durante sete anos de sua vida), o desejo reverso de intervenção em seu favor por parte dos amigos militares e o suicídio justificado em suas cartas e consumado como vingança. E, nesse caso, a vingança decorre da falta de resposta imediata ao agravo sofrido (ou sentido). Ainda nesse contexto teórico, “a vingança deve

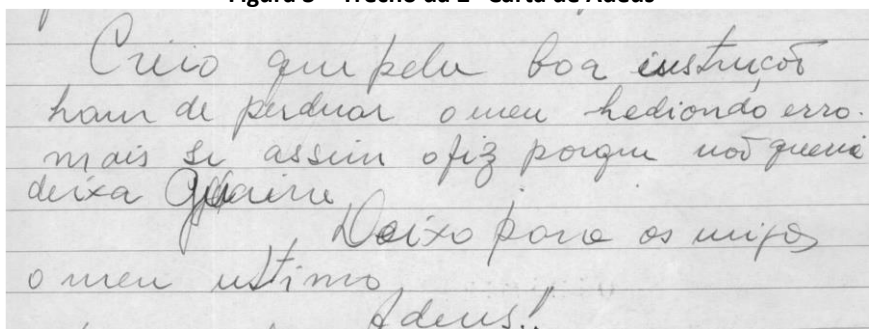
¹⁶ BECK, Aaron T. Et al. Um modelo cognitivo dos atos suicidas. In *Terapia Cognitivo-comportamental para pacientes suicidas*. Porto Alegre: Artmed, 2010, pp.50-71.

ocorrer depois de um intervalo de tempo durante o qual o contra-ataque da vítima fica em suspenso, adiado, mas nunca renunciado, alimentado pela raiva ou pela impossibilidade do esquecimento de uma raiva passada.”¹⁷ Por isso, o tempo da vingança nunca chega, exceto quando vem na forma do suicídio.

A esse respeito, Albert Camus acerta ao dizer que a primeira ideia sobre a possibilidade de se matar é o começo de uma ruína pessoal.¹⁸ Considerar o suicídio uma alternativa equivale a contrair um parasita que se reproduzirá desacreditando a pessoa da sua própria vida, extraindo e consumindo sua vitalidade, deixando-lhe marcas no corpo e na mente. Nessa direção, o suicídio pode resultar também de um ressentimento, de uma queixa de falta de afetividade, de uma punição àqueles que supostamente o querem bem, de uma vingança angustiada contra as pressões que lhe oprimem e o fazem sofrer. É uma conclusão válida, embora provisória e insuficiente se concebida sozinha.

Ao que parece, podemos considerar que havia, como venho tentando examinar e evidenciar aqui, estressores internalizados por Sylvio que interferiam diretamente no modo de ver e interpretar o que acontecia com ele, fazendo-o armar-se contra a ameaça de deixar Guaíra. No trecho da figura 3, recortado da 2ª carta de Adeus, ele declara que não deixará Guaíra.

Figura 3 – Trecho da 2ª Carta de Adeus



Na tentativa de jogar luz sobre esse caso, podemos sublinhar pelo menos três coisas que foram ditas nas duas cartas de Adeus. Uma, a responsabilização da loja pelo suicídio porque ela o despojou da gerência e da condição de permanecer em Guaíra. Contra ela, Sylvio dirigiu-se agressivamente sem poupar críticas. A segunda é a despedida dos amigos militares e, terceiro, a recomendação para que a noiva recebesse os presentes que ele havia dado a ela. Como esses fatores estariam ligados entre si? De fato, são três objetos emaranhados em sua queixa final, mas apenas um é tomado como objeto amado sobre o qual se deita a pulsão (em linguagem psicanalítica) antes tendente a dispersão à medida

¹⁷ KEHL, Maria R. *Ressentimento*. Op. Cit., p.11.

¹⁸ CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2018.

que estaria sendo desviada de sua participação no mundo externo para uma realidade alternativa que Sylvio criou.

O manejo resumido desses conceitos nos daria a ideia de que o Ego de Sylvio não conseguiu silenciar o Id durante uma batalha fundamental, perdendo assim muitas de suas conexões com a realidade e abrindo mais espaço para o Id.¹⁹ Em cenas dramatizadas por Sylvio, ele viu como necessária uma fuga da realidade para que alcançasse o objeto de seu amor. Desse ponto vamos ao seguinte.

3. O espólio *emocional* de Sylvio

Sylvio se matou vestido com uma camisa cor bege, abotoada até os punhos, acomodada sob uma calça cinza esverdeada, calçado com sapatos de couro pretos. Guardou as duas cartas de Adeus no bolso direito de trás da calça. Estava pendurado por uma corda fixada em uma escada que ele escorou na parede do porão da loja. Ali ele subiu numa lata de onde se lançou.

Os médicos peritos precisaram usar uma lanterna para iluminar o local debaixo da escada. Chamou atenção dos médicos os lábios cianóticos e o inchaço dos maxilares, esgarçados que estavam pela pressão da força. Como não houve lesões sua morte foi dada por asfixia.

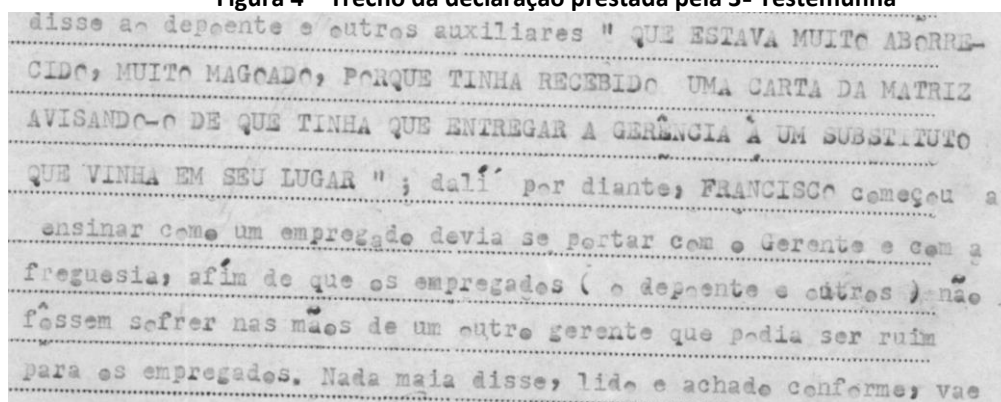
No inquérito há cinco fotografias de seu corpo que permitem essa narrativa. Duas delas mostram-no ainda pendurado pela corda. Na primeira ele está de costas. Na segunda o plano inclui a escada e dois médicos examinando a cena. Um deles segura o braço direito do cadáver. Comparativamente a altura dos médicos é possível estimar a estatura de Sylvio. Era um homem magro e baixo. Na terceira foto o corpo aparece estendido no chão, sobre uma esteira de palha trançada, e na quarta sua camisa está parcialmente erguida, sem a presença de ferimentos. Na quinta foto o plano escolhido pelo fotógrafo mostra as mãos do médico segurando o rascunho onde escreveu o laudo, e o corpo, ainda estendido, com o foco na cabeça e tronco, expondo a corda em torno do pescoço, as marcas deixadas pela força e os olhos abertos.

Como eu disse anteriormente, o empacotador que trabalhava sob o comando de Sylvio testemunhou ao delegado que ele, na condição de gerente, “estava muito aborrecido, muito magoado, porque tinha recebido uma carta da matriz avisando-o de que tinha que entregar a gerência à um substituto que vinha em seu lugar.” As emoções de Sylvio estiveram no centro do relato de seu subordinado, talvez o último a ouvir suas queixas. E

¹⁹ FREUD, S. A perda da realidade na neurose e na psicose. In *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Volume XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996, pp.205-211.

aqui, há pelo menos um ponto importante. O escrivão (decerto a pedido do delegado) destacou no inquérito com letras maiúsculas e entre aspas o estado de humor de Sylvio, conforme declarou Napoleão dos Santos no trecho recortado na figura 4. Trata-se de hipótese que sugere haver conexão entre o suicídio e a condição emocional de Sylvio, mas que não encontrou consequências no inquérito cujo encerramento somente confirmou a morte por suicídio. Napoleão menciona ainda que tal queixa foi ouvida pelos demais empregados da loja de Guaíra. O fato é que depois da chegada do novo gerente, um dia antes de Sylvio se matar pendurado na escada, não houve manifestação contestando a decisão da matriz de lhe retirar o cargo.

Figura 4 – Trecho da declaração prestada pela 3ª Testemunha



Camus disse que todo homem são já pensou em se matar ao menos uma vez. É um ato que exige premeditação, planejamento e até mesmo alguma racionalidade. Van Gogh, por exemplo, amadureceu seu suicídio em pensamento e tentativas. Ele falou certa vez que certeza só tinha de “uma tarefa determinada” na vida que deveria levar a cabo dentro de alguns anos. É uma história conhecidíssima. Ernest Hemingway se matou um mês depois de Sylvio. Estava doente, com depressão, diabetes, hipertensão, a memória gasta e imprestável, e uma carreira de sucesso estagnada, embora com o Pulitzer de Ficção faturado em 1953 e o Nobel de Literatura em 1954. Buscou eficiência em um fuzil de caça e suicidou-se quando tinha 61 anos de idade e um futuro irreconhecível. Esse tipo de impasse chegou mais cedo para Sylvio.

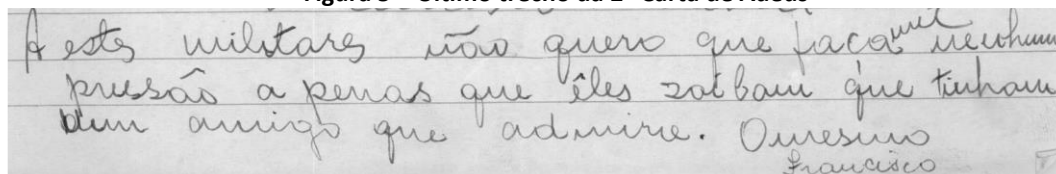
Guaíra era seu mundo. As cartas de Adeus mostram como estava seduzido pelo que enxergava, sentia e vivia na cidade. Tirar-lhe a gerência foi o mesmo que tirar-lhe um papel representado com exímio vigor. A falta dessa identidade o fez pensar em se matar e se vingar da loja, mas não foi o único motivo. Uma equação possível e verossímil que traduziria a causa daquele gesto final combinaria a desonra impingida pela loja, a dissolução do status de gerente, a ausência de reparação e a perda do objeto amado.

Nesse sentido, o suicídio de Sylvio pode ser lido como a resposta de alguém que percebeu sua vida interdita, sem chances de seguir adiante. Não havia esperança a ser hipotecada ou penhorada porque o único percurso viável para ele foi desativado pelo objeto amado. Se por um lado, a loja comprometeu sua permanência em Guaíra, de outro lado os amigos militares, sabendo que ele fora demitido do cargo de gerente, e que provavelmente não teria ocupação para permanecer naquela cidade, nada fizeram para reivindicar sua continuidade na loja ou em Guaíra.

É Albert Camus novamente quem nos diz que as causas aparentes do suicídio nem sempre são as mais eficazes para explicá-lo. Embora matar-se seja uma confissão sobre ter sido ultrapassado pela vida ou então de não conseguir compreendê-la adequadamente, podemos e devemos perguntar qual foi o sentimento que privou Sylvio do sono necessário à vida, particularmente na madrugada de 22 de maio de 1961, quando deixou o hotel e caminhou até a loja onde improvisou seu cadafalso no porão. Sylvio desejou vingar-se da loja e registrou tal desejo na primeira carta. Na segunda, ressentiu-se de perder o vínculo amoroso com os amigos militares. A falta deles lhe bateu com tal intensidade que repetiu a palavra “saudades” duas vezes como se receasse não ser lido nem entendido naquele ponto. Portanto, no alinhamento dessa hipótese, cabe nesse instante indagar se a noiva desempenhou algum contrapeso na decisão do suicídio, numa ponderação ou então uma recordação apaixonada. O silêncio de Sylvio a respeito dela era de fato silêncio, incapacidade de se despedir ou ele não tinha o que falar à noiva por que ela não era seu objeto amado?

É provável que ele tenha escrito as duas cartas na loja, amadurecendo a ideia de se matar. Se ele as escreveu antes disso, no quarto do hotel, houve tempo e necessidade de relê-las e incluir derradeira frase na segunda delas, recortada e exposta na figura 5. Se tratou de um improviso que forçou os próprios limites do papel utilizado. Invadiu a margem inferior, corrigiu a regência verbal, fato que nos leva a considerar que ele releu não somente as duas cartas, mas também este último arranjo.

Figura 5 – Último trecho da 2ª Carta de Adeus



É provável também que Sylvio tenha bebido o bastante naquela madrugada para deixar irregular a escrita das linhas e letras que formaram as duas cartas. Comparando-as

com outros documentos igualmente redigidos por ele sobre a vida administrativa da loja nota-se esse desalinho nas cartas. Ademais, o que resta nelas sob análise é o prestígio tão cheio de afeto dedicado aos militares.

O inquérito policial, como de praxe, incluiu a relação dos pertences de Sylvio apresentada e entregue ao primo e representante da família Moysés Carolino Filho. Os trechos recortados abaixo, na figura 6, foram remontados conforme as margens do texto.

Seu espólio material revelou uma pessoa vaidosa, bem-vestida sempre, com adereços imodestos e postura ostentatória. O exame desse espólio permite identificar sinais de seu temperamento e hábitos. A quantidade de ternos, camisas e calças era incomum para a época, bem como cortes para futuramente deixá-los aos cuidados do alfaiate. São cinco ternos, dois blazers, nove calças, camisas, pijamas, sapatos, além de cuidados com a aparência e higiene. Relógio de pulso, óculos ray-ban, anel de rubi, alfinete de gravata com pedra, três canetas tinteiro Parker, incluindo uma Parker 51, considerada artigo de luxo.

Figura 6 – Espólio de Sylvio Cardoso Correia

| | |
|---------------------------------------------|--------------------------------------|
| UMA BLUEA DE LÃ; | UMA CALÇA DE LINHO AZUL MARINHO ; |
| UM TERNO DE LINHO BRANCO ; | UM TERNO DE CASIMIRA CINZA CLARO ; |
| UM TERNO DE LINHO BEIJE ; | UM TERNO AZUL CLARO DE CASIMIRA ; |
| UM TERNO AZUL DE CASIMIRA ; | UM PALETÓ DE CASIMIRA CINZA ; |
| UMA CALÇA DE LINHO AZUL ; | UMA CALÇA DE CASIMIRA AUL MARINHO ; |
| UM PALETÓ CINZA ; | UMA " DE LINHO BEIJE ; |
| UMA CALÇA CINZA ; | UMA CALÇA DE CASIMIRA CINZA ; |
| 10(DEZ) CAMISAS BRANCA ; | " " " LINHO BEIJE ; |
| 5 (CINCO) CAMISAS DE CÔR DIVERSAS ; | UMA CALÇA CINZA DE CASIMIRA ; |
| 2 (DUAS) CAMISETAS ; | TRÊS ; DIGO ; QUATRO GRAVATAS ; |
| 6 (SEIS) CUECAS ; | UMA CAMISETA ; |
| 1(UM) CALÇA AZUL CLARO ; | UMA CUECA ; |
| UMA CALÇA DE CASIMIRA AZUL COM LISTA BRANCA | 12 (DOZE) LENÇOS ; |
| TRÊS TOLHAS ; | UM CORTE DE TRICOLINE LISTADO ; |
| UMA BLUSA DE LÃ AZUL ; | UM CORTE DE CASIMIRA ; |
| DOIS PIJAMAS ; | UM ESTOJO DE BARBA ; |
| UM PAÑO BRANCO ; | UM RELÓGIO DE PULÇO MARCA " VATRA " |
| UMA TOALHA ; | UM RELÓGIO DE PAREDE MARCA " SUELI " |
| DUAS CHECAS ; | UM ÓCULOS RAYBAN ; |
| UM CORTE DE CALÇA AZUL MARINHO CASIMIRA ; | DUAS CARTEIRAS VASIAS ; |
| " " " CINZA ; " | UMA FOTOGRAFIA AMPLIADA ; |
| " " " LINHO BEIJE ; | UM ANEL COM PEDRA RUBÍ ; |
| DOIS PARES DE MEIA ; | DOIS APARELHOS DE BARBEAR ; |
| UM CACHECOL ; | DOIS TUBOS DE PASTA COLINOS ; |
| CINCO PAREA DE MEIA DIVERSAS ; | UM ESTOJO COM PRENDEDOR DE GRAVATA ; |
| QUATRO GRAVATAS ; | UM ALFINETE DE GRAVATA COM PEDRA ; |
| TRÊS MALAS DE FIBRA E UMA PASTA ; | UM VIDRO DE ÁGUA DE COLÔNIA (GASTO |
| UM PEQUENO DICIONÁRIO ; | UM / DELOÇÃO MADEIRA ORIENTE (|
| CITO FOTOGRAFIAS GRANDE ; | UMA TEZCERA ; |
| UMA ESCOVA PARA SAPATO ; | UMA ES COVA P/ ROUPA ; |
| QUATRO , DIGO , CINCO LAPIS ; | UMA CORRENTINHA ; |
| UMA CANETA PARQUE " 21 " ; | UM VIDRO DE LUSTRO ; |
| " " " " 41 " ; | DOIS TUBOS DE TALCO ; |
| UMA CANETA PARQUE " 6 1 " ; | |
| UM ALBUM DE FOTOGRAFIAS ; | UMA FITA MÉTRICA ; |
| UM ALBUM DE FOTOGRAFIAS ; | 32 MOEDAS METÁLICAS (BRASILEIRAS |
| UMA CORRENTE DE OURO COM MEDALHA ; | DOIS PARES DE SAPATO ; |
| UM CHAVEIRO ; | UMA GALOCHA ; |
| UMA CARTEIRA DO MINISTÉRIO DO TRABALHO | |
| UMA CAIXA COM FOTOGRAFIAS ; | |

Sylvio nutria apreço pela boa aparência. Em parte, o cargo de gerente impunha a ele trajar-se com esmero. Em parte, a referência feita à amizade dos militares e a ida ao cinema no domingo que antecedeu o suicídio indicam uma vida noturna assídua. Em grande medida esta era a Guaíra que Sylvio relutou em deixar. Sua noiva não aparece nesse

mundo. Ao contrário, ela está distante, em São Jorge do Ivaí, estado do Paraná, onde também morava o primo de Sylvio que organizou o transporte do cadáver e buscou seu espólio.

No suicídio, o sofrimento de quem se mata cessa, mas a dor do outro proveniente da perda tende a nascer e a crescer vigorosamente. Isso acontece quando existe afeto. Quem fica, e sente a perda, padece. Não parece ter sido o caso dos militares que Sylvio tinha como seus amigos. A julgar pelas cartas de Adeus eles ignoraram seu sofrimento. Matar-se seria então uma vingança contra a loja e contra os amigos da 5ª Companhia que não corresponderam ao afeto de Sylvio, não na medida que este esperava.

4. Considerações Finais

Na perspectiva empreendida aqui o suicídio não é indubitavelmente um ato alucinado. O sofrimento que antecede o matar-se decorre de uma experiência vivida com outros sujeitos e em relação a eles. O contexto marcado pela tristeza, melancolia, ou pela desesperança é encenado por personagens escolhidos pelo protagonista. Assim, a loja foi alçada antagonista de Sylvio enquanto os militares receberam salvo conduto porque eram a pilastra principal que sustentava o simulacro inventado para substituir aquele pedaço da realidade que ele tentava fantasiar. Este é o argumento principal que tentei trabalhar.

Suas cartas de adeus continuam sendo o testamento da sua afetividade não correspondida. Foram escritas num momento em que se sentiu à deriva, abandonado, só. Escolheu matar-se nas dependências da loja, no subsolo escuro. Talvez houvesse nisso murmúrios do sofrimento vivido, uma encenação de como se sentia solitário, desamparado, despejado, ocultado pela loja que o havia substituído e pelos amigos que não se pronunciaram por ele.

Recebido em 10 de janeiro de 2024
Aceito em 23 de maio de 2024